

TEOLOGIA DO TRÍDUO PASCAL

Pe. Paulo H. Gozzi

Fazer teologia significa exercitar o raciocínio, explicando as razões e motivações de nossa fé. A teologia litúrgica descreve aquilo que celebramos como expressão da fé, sua história, origens e evolução da consciência sobre certos temas. Desde o início, a Igreja celebrou a fé crescendo no conhecimento da verdade celebrada. Cada gesto, cada palavra, tem o seu simbolismo, o seu significado. Liturgia é celebrar, através de sinais que devemos conhecer bem, a nossa vida de união com Deus e com os irmãos na fé.

No princípio, os cristãos se reuniam para agradecer e fazer memória da salvação recebida todo primeiro dia da semana, o domingo, o dia do Senhor, o dia da vitória da vida. Era a páscoa revivida. Dizemos que todo domingo é páscoa. A celebração anual começou no século II, como aniversário da morte e ressurreição de Cristo. Imitando os judeus, que consideram a sexta-feira à noite já como sábado, os cristãos reuniam-se no sábado à noite, considerando-o já domingo. Temos o exemplo de Paulo, em Atos 20,7-12. Na festa anual começavam a reunião com o batismo, integração na Igreja dos que se prepararam como catecúmenos ao longo do ano. Havia também a absolvição dos penitentes, que eram reintegrados na comunhão da Igreja, uma espécie de segundo batismo. Tudo culminava com a Eucaristia que terminava quase ao amanhecer. As vigílias dominicais ainda eram comuns no tempo de S. Agostinho, que chama a Vigília Pascal anual de “mãe de todas as vigílias”.

Já no século IV começou-se a comemorar separadamente os dias mais importantes: sexta-feira: morte, sábado: sepultamento e domingo: ressurreição. Mas o hábito da vigília levou-os a abrir esse tríduo na noite de quinta-feira: a última ceia antes da prisão. A partir da Idade Média o tríduo foi esquecido e vários desvios foram instituídos. A sexta-feira tornou-se devocional, com a valorização da Via Sacra recém criada e da procissão do enterro. Os ritos da vigília pascal passaram para o sábado de manhã, um verdadeiro anacronismo absurdo, e no domingo faziam-se a procissão com a imagem do Cristo ressuscitado.

Somente em 1951 é que Pio XII restabelece a Vigília pascal no sábado à noite e em 1955, destaca o Tríduo com sua sequência lógica: Última Ceia e prisão, Paixão e morte, Sepultamento e descida entre os mortos. Finalmente, a Vigília, preparando a ressurreição celebrada na eucaristia à primeira hora do domingo. A reforma do Concílio Vaticano II restituiu à celebração inteira maior unidade, simplicidade e riqueza de conteúdo.

SENTIDO DO TRÍDUO

Não se pode separar a Morte da Ressurreição. Cada dia pede o outro. Para haver ressurreição é preciso haver morte! O Tríduo é a Páscoa celebrada de modo unitário em três dias ou etapas. No Calendário litúrgico, o Tríduo Pascal aparece como o ponto mais alto, o ápice

do ano litúrgico inteiro. Assim como na semana o dia mais importante é o domingo, no ano, a celebração mais importante é o Tríduo Pascal.

Quinta-feira Santa: A partir do século VII, antes de começar o Tríduo, a quinta-feira foi organizada com três missas: de manhã para a reconciliação dos penitentes, ao meio dia para a consagração dos óleos e à noite, sem a Liturgia da Palavra, a comemoração da Ceia.

O Missal de Paulo VI coloca a missa da quinta-feira à noite como abertura do Tríduo. Essa missa nos mostra que o mistério da Páscoa é integralmente recebido por nós durante a Ceia. E esta é a síntese dos três dias. Há uma ligação forte com a nossa vida prática: a dimensão social da eucaristia - serviço e caridade - era representada no Lava-pés, cerimônia que só se fazia nas catedrais desde os tempos de S. Agostinho. Foi Pio XII que, em 1955, permitiu seu uso em todas as igrejas paroquiais. A Quarta Oração Eucarística é a que mais condiz com a comemoração da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio apostólico: “Quando chegou a hora, em que por vós, ó Pai, ia ser glorificado, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Enquanto ceavam, ele pegou o pão...” (Missal Romano, OE IV).

Agora os ritos seguem o Evangelho mais de perto. Terminada a ceia, Jesus diz: “Levantemo-nos, vamos sair daqui”. E vão para o Jardim das Oliveiras. Imitando esse gesto, saímos da mesa do altar com os elementos eucaristizados, levando-os a um lugar preparado e ali ficamos em vigília até a meia noite. Alguns chamavam esse sacrário especial de “santo Sepulcro”, o que é um erro. Fica melhor chamar de Getsêmani ou Horto das Oliveiras: fazer vigília de oração na companhia de Jesus presente na sagrada Reserva solenemente exposta. Essa atitude nos lembra o culto que devemos prestar ao mistério eucarístico fora da celebração, ao longo do ano. Orar diante do tabernáculo repete o gesto da vigília no Getsêmani.

A abertura do Tríduo nos chama para um compromisso de vida, um envolvimento total que temos com a Eucaristia, sinal vivo da Páscoa de Cristo e de nossa Páscoa, traduzida no serviço aos irmãos. Todas as pastorais sociais deveriam atuar nesse momento.

Sexta-feira Santa: Primeiro Dia

Nesse dia, nunca houve celebração da Eucaristia, que é sempre uma alegre festa. É um dia de completo jejum penitencial, voltado inteiramente para a Morte e seu significado: a dor, o sacrifício, o horror da aniquilação e destruição física. Só em pensar nisso, Jesus suou sangue. Celebra-se apenas a Palavra com leituras já indicadas por S. Justino (+Roma, 165), terminando com a Oração Universal, com suas dez grandes preces, lembrando que a salvação é destinada a toda a humanidade.

No lugar da Ceia faz-se, desde S. Cirilo de Jerusalém, no século IV, a adoração da Cruz. É uma oportunidade de nos sentir aos pés da Cruz com Maria, João e outros discípulos, expressando liturgicamente nossa dor e respeito beijando o Crucificado. É claro que a Cruz é outro nome para Cristo, a quem verdadeiramente adoramos. É como o canto que diz: “Vitória, tu reinaras, ó Cruz, tu nos salvarás”. Entenda-se: “Ó Cristo morto na Cruz, tu nos salvarás!”.

Inocência III (1198-1216) determinou que nesse dia só o presidente da celebração (bispo ou padre) pudesse comungar com o pão consagrado no dia anterior. Foi somente Pio XII que restabeleceu a comunhão para todos os fiéis, em 1955, isto porque partilhar a ceia é comungar na morte do Senhor até que ele venha. Toda essa teologia da cruz é inspirada no Evangelho de S. João. Contempla-se o imenso amor de Jesus até o fim na cruz: o sacrifício cruento é a fonte de nossa salvação.

Santa e feliz paixão, que não fica na morte, mas aponta para a Vitória. É morte que mata a morte e faz brotar a vida. A humilhação, a derrota, o ódio que provoca morte, são sementes plantadas ao pé da cruz. Dali sai um broto forte, uma vida nova regada no amor infinito de Deus, a ressurreição...

As orações e os textos bíblicos (Isaias, Hebreus e Evangelho de João) mostram a teologia da cruz, razão de nossa fé e salvação. O espírito de jejum, o controle total de nossas vontades, o que mais agrada a Deus, deveria se prolongar até a eucaristia da noite pascal, de tal modo que cheguemos com o coração livre e aberto às alegrias do domingo da ressurreição. O jejum é sinal sacramental de participação no sacrifício de Cristo. Este é o dia em que o “esposo foi tirado”. Por isso os discípulos devem jejuar, como diz Jesus.

A procissão do enterro, de criação medieval, tem hoje forte conotação litúrgica e deveria ser feita logo após o término da celebração, evitando dar um intervalo que quebra a continuidade da Ação Litúrgica e diversifica a assembleia.

Sábado Santo: Segundo Dia

Sempre foi dia de rigoroso jejum no passado, um dia morto, um dia alitúrgico, sem qualquer celebração que lembre Páscoa (todos os sacramentos). Não há reunião da assembleia. O caráter alitúrgico, igreja fechada, mostra o repouso de Cristo no sepulcro. O mistério meditado é a descida de Cristo ao mundo da morte. Ali ele foi anunciar a salvação a todos os espíritos aprisionados (1 Pd 3,19), resgatando os justos e abrindo as portas do Céu para todos. Há um belíssimo ícone oriental mostrando Jesus que puxa Adão pela mão, tendo Eva ao lado. E existe também uma homilia feita por alguém que está olhando o ícone, onde coloca estas palavras na boca de Jesus dirigida a Adão: “Eu te ordeno: Acorda, tu que dormes, porque não te criei para permaneceres na mansão dos mortos. Levanta-te dentre os mortos: Eu sou a vida dos mortos! Levanta-te, tu que és a obra das minhas mãos! Levanta-te, ó minha imagem, tu que foste criado à minha semelhança. Levanta-te, saiamos daqui: Tu em mim e eu em ti, somos uma só e indivisível pessoa”.

Domingo da Ressurreição: Terceiro Dia

O rito romano foi enriquecendo a vigília pascal com elementos de várias culturas e religiões, como o fogo e o círio. O fogo, vida e ressurreição, o círio aceso, Cristo ressuscitado é partilhado por toda a assembleia. A procissão das luzes após a bênção do fogo é profundamente litúrgica sinalizando que somos luz do mundo como Cristo, a verdadeira luz. É só encostar-se a

esse fogo que também nos tornamos fogo. A noite ficou clara como o dia, canta o Precônio. O simbolismo fundamental é ser uma “noite iluminada”, uma “noite que foi vencida pelo dia”.

A característica principal da liturgia é o Batismo, mesmo que não haja alguém sendo batizado. A água é elemento central, renovam-se as promessas do batismo, a comunhão da Igreja terrestre com a celeste é realçada pela invocação de todos os santos, comunhão gerada no batismo. As leituras realçam a água, ligando a travessia do Mar Vermelho ao início do povo novo batizado, a criação do novo mundo e do novo homem. A aspensão de todo o povo recorda o banho batismal, sentimo-nos todos rebatizados em Cristo.

O clima da celebração é de alegria total em todo o seu simbolismo e vai crescendo até desembocar na eucaristia. Mediante muitos sinais, vemos que a vida da graça brota da morte de Cristo. A passagem das trevas para a luz, da noite para o dia, da morte para a nova vida, do pecado para a graça, determina o profundo conteúdo do que é PÁSCOA, em Cristo e em nós.

